



CARTA MENSAL

Colégio Brasileiro de Genealogia

Ano XXIX - Nº 131 - Jan/Fev 2016

ASSOCIADOS SÃO NOTÍCIA

- **Fernando de Benito y Alas**, associado Correspondente em Valência, Espanha, foi eleito Presidente decano da Academia Valenciana de Genealogia e Heráldica.
- **Stanley Savoretti de Souza**, no dia 13 de fevereiro assumiu a Cadeira nº 4 do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, que tem como patrono Nelson Coelho de Senna.

NOTÍCIAS DO CBG

- **Assembleia Geral Ordinária** – realizada no dia 22 de fevereiro, teve aprovados unanimemente e sem restrições as contas, balanço e relatório de atividades relativos ao ano de 2015. A Diretoria que se despede mereceu menção de louvor dos presentes, que viram, com alegria, apresentarem-se os confrades Titulares **Fernando Antônio Ielpo Jannuzzi Jr.** e **Roberto Guião de Souza Lima** como candidatos a eleição de uma nova equipe gestora para o CBG. A atual Diretora de Publicações **Leila Ossola** foi convidada e aceitou permanecer na mesma função. Quando fechamos este boletim, ainda não havia sido plenamente formada a chapa postulante. Assim que estiver completa e formalmente apresentada, ocorrerá o período de eleição e a consequente posse, sempre de acordo com a Lei e o Estatuto do Colégio.

Mesmo pretendendo fazê-lo formalmente em breve, a Diretoria que se despede aqui agradece as inúmeras manifestações elogiosas recebidas pelos serviços prestados ao Colégio em seus quatro anos de gestão e registra que tudo o que foi realizado é fruto exclusivo do amor de todos e de cada um pela Genealogia.

- **Biblioteca** - Informamos aos novos associados - e recordamos aos antigos - que o Estatuto CBG traz em seu Art. 12 - item b a obrigação do associado em "doar à biblioteca um exemplar das publicações de sua autoria nas áreas de interesse do Colégio". Em razão do exíguo espaço para guarda, só temos como adicionar a nosso acervo obras eminentemente genealógicas ou que tenham, em seu conteúdo, pelo menos uma boa parte que trate de genealogia, nossa precípua razão de existência.

Registramos nossos sinceros agradecimentos aos que enviaram volumes de sua autoria, ou de outrem, para ampliar o acervo CBG. São os seguintes os livros registrados no período.

- *Índice dos Processos de Habilitação para Familiar do Santo Ofício da Inquirição* – de Luiz Amaral, Rui Gil e Hugo Sousa Tavares (Portugal), doação de **Eliana Quintella de Linhares**;

- *Raízes e Memórias nº 31* – publicação de Associação Portuguesa de Genealogia, ed. Dezembro 2014, doação de **José Filipe Menéndez**;

- *Carneiros – De Ruy Capão de Portugal e do Nordeste e Sul do Brasil (Coleção Borges da Fonseca)* – de Cândido Pinheiro Koren de Lima, doação da Fundação Gilberto Freyre;

- *Vultos da História do Piauí* – de Reginaldo Miranda, doação da Academia Piauiense de Letras;

- *Gênesis* – de Ana Maria César, doação de **Adauto Ramos**.

Conteúdo genealógico - páginas 63 a 70 – Genealogia da Família Torres Rafael

OUTRAS NOTÍCIAS

Acordo entre Family Search e Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro

Colaboração de **Angela Duhá**.

Coluna do Ancelmo Góis – jornal O Globo – julho 2015

Os mórmons, por meio do Family Search, assinaram convênio com o Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, para a digitalização do acervo das polícias políticas da capital. Começaram pelas fichas remissivas (com nomes, sobrenomes e prenomes) produzidas entre 1918 e 1983 – um total de cerca de 2,5 milhões de itens, construindo, assim, um dos maiores acervos de polícias políticas do país.



Acordo entre Family Search e Arquivo Nacional

Colaboração de **Stanley Savoretti de Souza**

No dia 10.12.2015 foi firmado acordo entre o FamilySearch e o Arquivo Nacional para a digitalização de três coleções: solicitações de identidade de estrangeiros, processos de naturalização e registros civis do estado do Rio de Janeiro, totalizando 93 milhões de imagens.

Trata-se do maior acordo individual já firmado pelo FamilySearch em toda a América Latina. A captura e eventual publicação desses registros, além de garantir a preservação das informações neles contidas, fornecerá – como já acontece com os projetos de registros de estrangeiros executados recentemente – importantes dados, que permitirão a quem estuda Família encontrar os dados daqueles que deixaram outros países para estabelecerem uma vida nova no Brasil.

ATUALIDADES

JANEIROS DE ELIS REGINA

Por **Regina Cascão**

**São só dois lados da mesma viagem / O trem que chega é o mesmo trem da partida...
A hora do encontro é também despedida / A plataforma dessa estação é a vida ...**

JANEIRO DE 1982

Dia 19, terça-feira, 11h45min – morre em São Paulo, por intoxicação exógena aguda, a cantora Elis Regina.

Elis Regina Carvalho Costa, nascida a 17 de março de 1945, às 17h10min, no Hospital da Beneficência Portuguesa, Porto Alegre-RS, filha de Romeu Costa (brasileiro, filho de brasileiros, empregado na Cia. Sulbrasileira de Vidros) e Ercy Carvalho (n. 1931, filha de Gregório, do Norte de Portugal, e Ana, de uma aldeia próxima a Coimbra, imigrantes portugueses no RS, casados em Porto Alegre).

Casada a 05.12.1967, no civil, no Rio de Janeiro e a 07.12, no religioso, na Capela Mayrink, Floresta da Tijuca, com Ronaldo Fernando Esquerdo de Boscoli (n. 27.10.1929, Rio de Janeiro-RJ e fal. na mesma cidade em 1994, filho de Gerdal Gonzaga de Boscoli e Angela Luiza Bruce Esquerdo; sobrinho-bisneto da compositora Francisca Edwiges Neves Gonzaga / Chiquinha Gonzaga; décimo-neto de Toussaint Grugel, povoador da cidade do Rio de Janeiro, fundador da família Gurgel no Brasil). Desquitados em 1972. Desse casamento, houve João Marcelo Boscoli, n. na Casa de Saúde S. José, Rio de Janeiro-RJ, a 17 de junho de 1970 (com o filho Arthur Michaelichen Bezerra Boscoli, nascido em 10.08.2011, São Paulo-SP, havido do casamento com a apresentadora de TV Eliana Michaelichen Bezerra / Eliana, n. 22.11.1973 em S. Paulo-SP).

União, a partir de 1974 com o compositor Antônio César Camargo Mariano, arranjador, instrumentista, filho de professor de música, n. 19.09.1943 São Paulo-SP. Dessa união houve Pedro Camargo Mariano / Pedro Mariano, cantor, n. no Hospital S. Luiz, São Paulo-SP, a 18.04.1975 (casado com a empresária Patrícia Fano, com a filha Rafaela, n. 2007) e Maria Rita Camargo Mariano / Maria Rita, cantora e produtora musical, n. no mesmo Hospital S. Luiz a 09.09.1977 (com o filho Antônio, n. 2004, havido de união com o cineasta Marcus Baldini; e a filha Alice, n. em dezembro 2012, da atual união com o músico e arranjador Davi Moraes, n. Rio de Janeiro-RJ a 16.06.1973).

JANEIRO DE 2016

Nasce na Maternidade São Luiz Itaim, em São Paulo-SP, no dia 25 de janeiro, às 12h13min com 3,640 kg, o segundo filho de João Marcelo Boscoli, André, fruto de sua união com a pianista Juliana D'Agostini (n. em São Paulo-SP a 11.09.1986).

Na porta do quarto da maternidade foi colocado um quadro-aviso do nascimento, apresentando uma simplificada árvore genealógica do bebê, com os nomes dos pais, do irmão e dos avôs. A cantora Elis Regina, mãe de João Marcelo, é "vovó Elis".

Fontes:

- ECHEVERRIA, Regina – "Furção Elis", Globo, 1974.
- MARIA, Júlio – "Elis Regina – Nada será como antes", Master Books, 2015.
- ARASHIRO, Osny – "Elis Regina por ela mesma", Martin Claret, 1995.
- dados biográficos de Bôscoli - arquivos Carlos Eduardo Barata.
- notícia do nascimento e imagem: revista QUEM online, ed. 26.01.2016.
- citação no subtítulo - trecho da canção "Encontros e despedidas", letra de Fernando Brant para melodia de Milton Nascimento..



HISTÓRIA E GENEALOGIA DO RIO GRANDE DO SUL

A Tragédia da Família Watenpuhl - 2ª parte

A saga dos alemães - do Hunsrück para Santa Maria do Mundo Novo - org. Erni Guilherme Engelmann.

Colaboração de: Armindo Lauffer, Adelmo Trott, Adriano Dienstmann, Miriam Malta Martins, Isete Maria Koliver

Caminhava assim já durante toda a manhã quando, de repente, viu uma clareira em direção leste. Anna Margaretha alcançara a Fazenda do Faxinal, por onde tinha passado com os bugres anteriormente. Saiu do mato, penetrando no campo aberto, quando foi perseguida pelo gado que ali estava, em desabalada correria, obrigando-a a procurar segurança em cima de uma árvore. Isso chamou a atenção de um fazendeiro que por lá andava, vistoriando o gado e aproximou-se do tumulto para ver o que estava acontecendo. Ele percebeu a mulher que procurava esconder-se entre as folhagens, praticamente nua. O fazendeiro, chamado Felisberto Soares de Oliveira, atirou-lhe seu pala, mandou que descesse, levou-a para a sua casa, onde ela pôde contar-lhe sua triste história.

O fazendeiro afirmou conhecer um índio civilizado, inimigo mortal de João Grande, chamado Cacique Doble, conhecido também por Yatoachê. O ódio que Cacique Doble tinha por João Grande era devido ao fato de ele ter incorporado a filha, o genro e a mulher de Cacique Doble ao seu bando de ladrões. Felisberto enviou imediatamente dois de seus homens para pedir auxílio do cacique para resgatar os prisioneiros. Também avisou o inspetor Francisco Müller, que logo chegou, acompanhado de muitas pessoas, inclusive do Capitão José Hörmayer. Cacique Doble também atendeu ao pedido e marchou com seus homens até o acampamento de João Grande.

Fiéis à velha tática indígena, durante a noite cercaram o acampamento de João Grande e dos bugres e, depois de retirar os raptados de uma maneira combinada e discreta, atacaram os silvícolas ao amanhecer, com infernal gritaria, exterminando todos impiedosamente com seus tacapes e facões.

O Capitão José Hörmayer, militar austríaco, um dos mercenários da Guerra da Cisplatina, depois de dispensado do serviço militar tinha vindo para as colônias alemãs fazer estudos e observações. Esteve ao lado do Cacique Doble nesta libertação dos Watenpuhl, e afirmou que, depois do combate e extermínio da horda de João Grande, todos - a família raptada, o Cacique Doble e seus homens - foram levados triunfalmente para São Leopoldo, depois para Porto Alegre. Lá foram apresentados ao presidente da Província, o Dr. João Lins Vieira Cansação de Sinimbu [1810 – 1906], depois Visconde de Sinimbu.

A família Watenpuhl voltou, depois, para a sua propriedade lá no Rochedo. Anna Margaretha Watenpuhl ficou, depois deste episódio, conhecida como “Maria Bugra”, inclusive o acontecimento em si é conhecido como o episódio da “Maria Bugra”. Com o marido, Heinrich Hoffmeister, teve um filho chamado Emanuel Hoffmeister, batizado em Campo Bom. Este filho de Anna Margaretha Watenpuhl e Heinrich Hoffmeister veio a casar-se em 21 de maio de 1881, com Wilhelmine Hack, em Campo Bom.

Sobre Margaretha Einsfeld, a esposa de Heinrich Peter Watenpuhl, o que se sabe é que ela não mais se acostumou a viver naquele local onde presenciara a destruição de sua vida familiar, e um dia, então, partiu com os filhos de Heinrich Peter Watenpuhl para longe, indo fixar-se em uma colônia distante, entre São Pedro do Sul e Jaguari, próximo à atual cidade universitária de Santa Maria, na época conhecida como Santa Maria da Boca do Monte.

Johann Phillip Watenpuhl casou-se, em 16 de junho de 1864, com Magdalena Niederauer, em Campo Bom. Mais tarde, quando deflagrou a Guerra do Paraguai, os dois irmãos Heinrich Jacob e Johann Phillip para lá seguiram, incorporados num dos batalhões alemães, “Os Voluntários da Pátria”. Muito lhes serviu a agilidade adquirida junto aos índios e eles foram aproveitados como espiões ou observadores, por causa da facilidade com que subiam nas árvores mais altas. A um deles, porém, isso chegou a ser fatal. Quando, um dia, um deles subiu numa árvore muito alta, para observar, foi visto pelos paraguaios e derrubado a tiros do alto da árvore.

Até os dias atuais, a localidade onde morava a família Watenpuhl é conhecida como “o canto do alemão morto”, pelo fato de lá terem matado Heinrich Peter Watenpuhl. Há também, ainda hoje, grande discordância com relação à verdadeira grafia do sobrenome Watenpuhl. Em alguns trabalhos é grafado Watterpuhl, noutros Wadebul e ainda Wadepul. O historiador argentino Antonio Serrano, escrevendo sobre os índios do estado, onde falou no episódio da “Maria Bugra”, grafou o sobrenome Watterfuhl. Inclusive, houve equívoco da parte de Dr. Johann Daniel Hildebrand, que, em um relatório enviado ao Governo da Província, em 1854, na parte intitulada *Segurança Individual*, fala do assalto praticado contra a família Wadepue. O Pastor Arno Dreher, no seu conto histórico, *Die Bugermarie* e o historiador Leopoldo Petry na sua obra, *A Primeira História de São Leopoldo*, de 1923 grafaram Wartenpuhl. Na obra *Hundert Jahre Deutschtum in Rio Grande do Sul*, 1924, igualmente lê-se Wartenpuhl. Inclusive o Censo de 1848 apresenta o sobrenome como sendo Wadenpunche, o que se pode constatar na obra de Maria Isete Koliver, *Pioneiros do Mundo Novo*. Tristão José Monteiro, em uma correspondência destinada ao Presidente da Província em 1854, trata do assalto como ocorrido com a família Watterpool.

Mas pesquisas realizadas por Adriano Arthur Dienstmann, na fonte mais confiável, o Evangelische Archivstelle Boppard, na Alemanha, comprovam que a grafia certa é Watenpuhl, encerrando com isso a polêmica e estabelecendo definitivamente o nome correto da família.

Sobre o Cacique Doble, o que se sabe é que depois da tragédia ocorrida com a família Watenpuhl e de sua heroica atuação no resgate dos alemães raptados, fatal foi o destino da sua gente. Foi ele apresentado pelo presidente da Província com um toldo, além de armas, ferramentas e fardamentos militares que já tinham sido usados por soldados, que infelizmente haviam sido atacados pela varíola. Os infelizes bugres não tinham qualquer resistência a essa terrível doença, própria dos homens brancos e, usando os fardamentos, contraíram a varíola, morrendo a maioria destes pobres índios.

Doble retirou-se para sempre da zona, indo parar no toldo da Colônia Militar de Monte Caseros, onde servia de intérprete e intermediário entre a direção da colônia e os índios coroados que ainda viviam no mato em estado selvagem. Depois, o velho cacique mudou-se com os que restaram para o município de Lagoa Vermelha, para uma área de terras que lhe foi doada pelo governo para servir-lhe de toldo, onde atualmente fica o município gaúcho que leva com muito orgulho o seu nome, Cacique Doble.

Honra à memória do Cacique Doble e de todos os integrantes da família Watenpuhl, bem como de todos os que concorreram para o retorno desses imigrantes ao convívio de seus familiares e da civilização.

GENEALOGIA NA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA

“O meu pai era paulista / Meu avô, pernambucano /
O meu bisavô, mineiro / Meu tataravô, baiano.”

Compilação autorizada de trabalhos de Pedro Wilson Carrano Albuquerque:

1. Chico Buarque e seus antepassados – www.usinadeletras.com.br > Ensaios
2. Considerações sobre a genealogia – www.buratto.org

A Genealogia é de grande importância para o estudo dos movimentos migratórios no Brasil. Veja o exemplo do autor: dois netos brasileiros e um cearense, filhos cariocas, pais mineiros, um avô fluminense (de Piraí) e cinco bisavós estrangeiros (dois italianos e três portugueses). (...)

Os primeiros versos da letra de Chico Buarque (Francisco Buarque de Holanda) para a música Paratodos também são um exemplo da movimentação das famílias brasileiras em nosso território: “O meu pai era paulista / Meu avô, pernambucano / O meu bisavô, mineiro / Meu tataravô, baiano.”

Francisco Buarque de Holanda – Chico Buarque

Nascido em 19-jun-1944 no Rio de Janeiro (RJ). Poeta, literato, teatrólogo, compositor, ator e cantor. Uma das figuras mais importantes de nossa música popular, o que foi mencionado pelo Presidente Fernando Henrique Cardoso em conversa com o estadista português Mário Soares publicada no livro "O Mundo em Português - Um Diálogo". Além da expressiva produção discográfica, onde teve a oportunidade de mostrar músicas e letras muito bem elaboradas e de grande inspiração, escreveu os livros "Estorvo" e "Benjamim". Também foi autor das peças teatrais "Roda Viva", "Calabar" e "Gota d'Água". Algumas de suas músicas, como "Amanhã Vai Ser Outro Dia" e "Cálice", tiveram cunho político, expressando sua oposição ao regime militar de 1964. Foi homenageado pela Escola de Samba da Mangueira no Carnaval de 1998. O livro "Chico Buarque", de Regina Zappa, contém algumas informações interessantes sobre o artista. Chico casou-se com Marieta Paixão Severo da Costa (Marieta Severo), fª de Luís Antônio Severo da Costa e de Lígia Paixão. O casal teve três filhas: Sílvia, Helena Severo e Luísa Buarque de Holanda..

Sérgio Buarque de Holanda – o pai paulista

Nascido em 11-jul-1902 em São Paulo (SP). Advogado, escritor, professor e crítico literário. Intelectual dos mais respeitados dentro e fora do País, com várias obras publicadas, podendo ser citadas as seguintes: "Monções", "Raízes do Brasil", "Cobra de Vidro", "Visão do Paraíso", "O Extremo Oeste" e "Caminhos e Fronteiras". Foi coordenador da coleção "História Geral da Civilização Brasileira" até o oitavo volume. É apontado como pioneiro na interpretação da psicologia coletiva do brasileiro, aspecto já salientado em "Raízes do Brasil", seu primeiro livro. Lecionou na USP e na Escola de Sociologia e Política, em São Paulo (SP). Manteve, ainda, atividades na Imprensa, tendo publicado a revista "Estética", ao lado de grandes figuras. Desenvolveu atividades constantes no exterior, como professor de universidades, conferencista e organizador de seminários, tendo sido, também,



correspondente dos Diários Associados na Alemanha. Foi redator-chefe da "Associated Press", agência de notícias norte-americana. Foi membro da Academia Paulista de Letras. Falecido em 24-abr-1982 em São Paulo (SP). Filhos oriundos do casamento c. Maria Amélia Cesário Alvim: Heloísa Maria, Sérgio, Álvaro Augusto, Francisco, Maria do Carmo, Ana Maria e Maria Cristina Buarque de Holanda.

Segundo declaração de Chico Buarque transmitida em 1º-nov-1998 pela TV Globo, no programa "Fantástico", é possível que tenha nascido na Alemanha um outro filho de Sérgio Buarque, resultado de relacionamento ocorrido quando o ilustre brasileiro ainda era solteiro.

(Obs. do CBG: veja atualização desta parte do texto ao final do artigo)

Cristóvão Buarque de Holanda – o avô pernambucano

Nascido em 8-fev-1864 em Rio Formoso (PE). Por meio de concurso público, ocupou o lugar de Químico do Laboratório da Alfândega do Rio de Janeiro, entidade de que foi Vice-Diretor. Criou o Laboratório de Análises do Estado de São Paulo, que o teve como Diretor durante muitos anos. Foi, também, um dos fundadores da Escola de Farmácia, Odontologia e Obstetrícia do Estado de São Paulo. Falecido em 13-fev-1932, no Rio de Janeiro (RJ). Com Heloísa Gonçalves Moreira teve os seguintes filhos: Sérgio, Jaime e Cecília Buarque de Holanda.

José Cesário de Faria Alvim - o bisavô mineiro

Nascido em Pinheiro, Município de Piranga (MG) em 7-jun-1839. Formou-se em Direito, em 1862, na tradicional Academia de São Paulo. Dedicou-se, também, ao Jornalismo. Foi Deputado Provincial de Minas Gerais durante duas legislaturas e membro da Câmara dos Deputados, como representante do povo mineiro, em quatro legislaturas. Presidente da Província do Rio de Janeiro em 1885. Acreditava na capacidade administrativa de Dom Pedro II, de quem se considerava amigo e a quem hospedara em Ubá (MG), na Fazenda da Liberdade, quando o Imperador visitou o Município em 1881, mas resolveu declarar-se republicano, em sessão da Câmara dos Deputados de 11-jun-1889, diante da subida do Visconde de Ouro Preto, seu fidalgo inimigo, à Chefia do Gabinete da Monarquia. Foi o primeiro Governador do Estado de Minas Gerais, tendo sido nomeado para o cargo, pelo Marechal Deodoro da Fonseca, em 15-nov-1889, dia da Proclamação da República. Foi Ministro do Interior em 1890, ano em que foi eleito Senador junto ao Congresso Constituinte Nacional. Em 15-jun-1891, elegeu-se Presidente de Minas Gerais pelo Congresso do Estado, tendo tomado posse no dia 18 do mesmo mês e renunciado em 17-fev-1892. Foi, também, Prefeito do Distrito Federal (então no Rio de Janeiro) e Presidente do Loyd Brasileiro e da Estrada de Ferro Oeste de Minas. Sogro de Afrânio de Melo Franco (falecido na cidade do Rio de Janeiro em 1º-jan-1943; Deputado Federal, Embaixador, Ministro das Relações Exteriores e Juiz da Corte Permanente de Haia) e avô de Virgílio Alvim de Melo Franco e de Afonso Arinos de Melo Franco. Falecido em 3-dez-1903 no Rio de Janeiro (RJ). Filhos oriundos do casamento com Amélia Calado de Miranda: Vítor Cesário, Sílvia, Guiomar, Dácio e Francisco Cesário Alvim.

.....
Obs. do CBG:

De modo corriqueiro, as pessoas costumam chamar de tataravôs (corruptela de tetravôs) os genitores dos bisavôs, "saltando" a geração dos trisavôs. O confrade **Pedro Carrano** assim considerou a citação que Chico Buarque fez em sua canção, citando o trisavô do compositor como sendo o tataravô baiano da letra da canção. Aqui o CBG segue o autor, mas também recolhe, de seus trabalhos, o verdadeiro tetravô/tataravô.

Eulálio da Costa Carvalho – o "tataravô" baiano (trisavô)

Nascido em Salvador (BA), em 12-fev-1833. Casou em 15-nov-1856 em Salvador (BA) com Amélia Benvinda de Almeida e Costa. Falecido em 1-abr-1912 em São Paulo (SP).

João da Costa Carvalho - o tataravô baiano

Nascido em 1782 em Salvador (BA). Serviu no cargo de Patrão-Mor da Bahia. Casou em 2-set-1820 em Salvador (BA) com Maria Rosa do Amor Divino Silva Bastos. Pai de Eulálio, Antônio e José da Costa Carvalho, o Marquês de Monte Alegre. Falecido em 8-jul-1846 em Salvador (BA).

Adendo pelo CBG - Busca e revelação do irmão alemão de Chico Buarque

Entre 1929 e 1930, Sérgio Buarque de Holanda era solteiro, correspondente de O Jornal, em Berlim. Ali conheceu a alemã Anne Ernst. O bebê, Sergio Ernst, nasceu a 21 de dezembro de 1930, quando Sérgio já tinha regressado ao Brasil. Ele nunca conheceu o filho.

'Um ou dois anos depois de Anne ter o bebê, entregou-o aos cuidados da Secretaria da Infância e da Juventude, em Berlim. Em maio de 1932, a instituição mandou uma carta para o Rio de Janeiro, informando o pai de Chico Buarque de que a criança se encontrava na instituição. Na resposta, Sérgio pediu autorização para repatriar a criança para o Brasil, ou, em alternativa, caso a lei não permitisse a saída da criança da Alemanha, propunha enviar uma contribuição mensal de 150 mil réis. Mas, em 1933, com a chegada ao poder de Adolf Hitler e do Partido Nazista, tudo se complicou.

Numa carta datada de 24 de setembro de 1934, a Secretaria escreve a Sérgio Buarque para lhe dizer que a criança se encontra "aos cuidados do casal Günther", Arthur e Pauline, e que os dois estão interessados em adotá-la. Para que o processo ande, a justiça alemã quer comprovar a "origem ariana" da parte do pai e pede a Sérgio que envie a sua certidão de nascimento, a dos pais e a dos avós, a fim de "deprender a religião dos seus antepassados". Por outras palavras, para certificar que a criança não tinha sangue judeu. Sérgio tentou cumprir o pedido, mas, na época, era quase impossível obter tais documentos no Brasil. As comunicações terminam pouco tempo depois e Sérgio pai nunca mais soube do destino do Sergio filho." (Texto de www.observador.pt)

Diz a editora Companhia das Letras: "Seu 'mau passo juvenil' não era exatamente um tabu, porém estava longe de ser assunto na família. Chico só soube da história em 1967, aos 22 anos. Estava na casa de Manuel Bandeira em companhia de Vinicius de Moraes e Tom Jobim, e o poeta pernambucano deixou escapar algo sobre aquele "filho alemão do seu pai"

Eis matéria sobre o assunto na página www.dw.com de 21.11.2014:

"A existência do meio-irmão era conhecida pela família brasileira. No entanto a última notícia que havia dele datava da Segunda Guerra Mundial, gerando a suposição que pudesse ter morrido nesse período. A história mudou em maio de 2013, quando, a pedido da editora Companhia das Letras e do próprio Chico Buarque, o historiador brasileiro João Klug e o museólogo alemão Dieter Lange identificaram o irmão desconhecido. E ele se revelou uma celebridade da comunista República Democrática Alemã (RDA), com a mesma profissão do pai e o talento do meio-irmão brasileiro.

Diz Klug:

Descobrimos que ele havia entrado para o coral do Exército na Alemanha Oriental aos 16 anos e que se projetou em função da sua voz, além de ter sido apresentador. Eu e o Dieter frequentávamos um bar, uma lojinha de vinhos, no bairro de Prenzlauer Berg, onde se reuniam algumas pessoas da velha guarda da RDA, entre elas, dois jornalistas, o Werner Reinhardt e o Manfred. Numa tarde, lançamos ao acaso a pergunta: alguém de vocês conhece um tal de Sergio Günther? No ato, o Werner afirmou que sim, "ele foi muito meu amigo". Então a coisa se abriu no momento dessa descoberta quase que por acaso. O Werner tinha trabalhado junto com o Sergio Günther, e nos forneceu muitas informações.

Nós localizamos a viúva do Sergio Günther, a filha e a neta. Elas concordaram em conhecer a família brasileira, mas eu não revelei quem era o Chico Buarque no Brasil, e elas também não tinham a mínima noção. O primeiro encontro foi de operação de reconhecimento, a sobrinha do Chico trouxe documentos e fotos. O encontro foi de tarde no Hotel Adlon. Na semana seguinte, foi marcado outro encontro, dessa vez veio a viúva de Sergio e foi muito agradável.

- Quem foi Sergio Günther?

Pelas informações que a gente teve, ele era o homem da TV. Ele apresentava, por exemplo, um programa intitulado Berlin bleibt Berlin [Berlim permanece Berlim], no qual saía pelos bairros fazendo entrevistas, com o objetivo de mostrar como tudo funcionava bem e harmônico na RDA. Há quem diz que o talento artístico estava no DNA pois, coincidentemente, esse irmão do Chico foi alguém que se destacou no meio artístico na RDA e, de fato, ele era um ótimo cantor. Quando eu enviei a primeira música que achei do irmão para o Chico, eu ainda brinquei com ele e disse: "Isso aí que é voz, não a tua." O Chico me respondeu dizendo: "É, o alemão tem lá o seu suingue."

FREITAS

Resumo adaptado e autorizado do Título 13 do livro de **Edgardo Pires Ferreira**.
"Os Castello Branco e seus entrelaçamentos familiares no Piauí e no Maranhão",
 A Mística do Parentesco – vol.5, 2013,

Em 1931 o município de Livramento passou a se chamar José de Freitas. O novo topônimo foi uma homenagem ao português José Rodrigues de Almendra da Fonseca Freitas, que chegou ao Piauí em 1878, aos 22 anos, e não demorou a assentar a vida. O município de José de Freitas tem cerca de 37 mil habitantes. Está a 48 km de Teresina e a 46 km de Campo Maior.

.....
 JOSÉ RODRIGUES DE ALMENDRA DA FONSECA FREITAS (José de Freitas), n. 07.05.1856 em Portugal, f. 01.03.1931 em sua chácara Vila Tejo, em Livramento. Filho de João Manuel de Freitas e de Mariana Delphina da Fonseca. Neto de Maria Francisca d'Almendra e de Francisco de Paula Freitas. Grande negociante em Livramento, onde foi Intendente (prefeito) de 1893 a 97. Depois, deputado estadual pelo Partido Republicano.

Casou-se em 1as. núpcias em 1881, em Livramento, com FLORENCIA MARIA CASTELLO BRANCO DE MENEZES COSTA, n. em Livramento e ali também falecida em 1882 por complicações de parto; filha de Delphina de Menezes Fortes e de Antônio Florêncio da Costa. Foram pais de:

1. Gentil de Almendra Freitas, n. 25.05.1882 em Livramento, f. solteiro.

E, em 2as, núpcias com a cunhada, ANNA ROSA CASTELLO BRANCO DE MENEZES COSTA, Don'Anna, n. e f. em Livramento. Foram pais de: Matilde, Pedro, Antônio, José, Maria Victoria e João.

2. Matilde de Almendra Freitas, Tidinha

N. 12.12.1889 em Livramento, f. no Rio de Janeiro. Casou-se em Livramento com Hugo Napoleão do Rego, n. 25.06.1892 em União, f. 01.09.1969 no Rio de Janeiro. Advogado formado em Belém-PA em 1911. Deputado federal pelo Piauí.

3. Pedro de Almendra Freitas

N. 01.03.1891 em Livramento, f. 10.02.1991 em Teresina, onde residia. Comerciante. Capitão da Guarda Nacional. Governador do Piauí 1950-53.

Casou-se em 1as. núpcias em 19.01.1918, em Campo Maior, com a prima Carolina Pires Gayoso e Almendra, Calu, n. 29.08.1891 em União-PI, f. 10.04.1919 em Livramento, filha de Carolina Pires Ferreira e de João Henrique de Souza Gayoso e Almendra. Foram pais de:

3.1 José Pires Gayoso e Almendra Freitas

N. 13.04.1919 em Livramento, f. em Teresina. Empresário. Casou-se com a prima Maria Alice de Araújo Costa Pires Rebello, n. 21.03.1925 em Teresina, f. também em Teresina.

Casou-se em 2as. núpcias, em 26.06.1924, com Maria de Nazaré Costa, n. 05.03.1900 em Manaus-AM, f. 24.12.1969 em Teresina; filha de Antônio José da Costa e Ana Julieta Patasano Bona. Foram pais de Pedro Filho, João, Ana, Iracema, Matilde e Maria de Nazaré.

3.2 Pedro de Almendra Freitas Filho

N. 06.04.1925 em Teresina, e ali também falecido. Advogado. Casou-se em 01.11.1950 em Teresina com Almiralice Costa Carvalho, n. 04.09.1932 em Teresina.

3.3 João Costa de Almendra Freitas

N. 12.06.1926 em Teresina. Empresário. Casou-se em 22.10.1949 em Teresina, com Terezinha de Jesus Avelino do Lago, n. 22.10.1932.

3.4 Ana Costa de Almendra Freitas

N. 16.12.1927 em Teresina onde se casou com o primo afim Elói do Egito Coelho, n. 01.01.1923 em Loreto-MA, f. no Rio de Janeiro. Engenheiro.

3.5 Iracema Costa de Almendra Freitas

N. 04.09.1929 em Teresina. Casou-se em 19.05.1954 em Teresina com Petrônio Portella Nunes, n. 12.09.1925 em Valença-PI, f. 06.01.1980 em Brasília-DF. Advogado. Deputado estadual. Prefeito de Teresina. Governador do Piauí de 1962 a 1966. Senador pelo Piauí de 1967 a 1979. Ministro da Justiça em 1979-80.

3.6 Matilde Costa de Almendra Freitas

N. 17.06.1933 em Teresina. Assessora jurídica do Supremo Tribunal Federal. Casou-se em 03.01.1953 em Teresina com o primo afim Wilson do Egito Coelho, n. 28.04.1925 em Loreto-MA, f. em Brasília-DF. Advogado e. Professor da Universidade de Brasília. Procurador geral do Banco do Brasil em Brasília.

3.7 Maria de Nazaré Costa de Almendra Freitas

N. 22.06.1939 em Teresina. Casou-se em 29.06.1958 com Antônio Carlos Gonçalves Costa, n. em Barras. Médico otorrinolaringologista.

4. Antônio de Almendra Freitas

N. 30.04.1894 em José de Freitas (antes Livramento), ali f. em 22.10.1963. Casou com a prima Corina da Costa Carvalho, filha de Lina Generosa da Costa e José Alexandre de Carvalho Sobrinho. Foram pais de Ferdinand, Odilon e Matilde.

4.1 Ferdinand Carvalho de Almendra Freitas

N. 19.07.1920 em Livramento, f. em José de Freitas (antiga Livramento) em 17.09.1985. Prefeito de José de Freitas por cinco legislaturas. Casou-se em 19.07.1945 em Teresina com Maria de Jesus Wall de Carvalho.

4.2 Odilon Carvalho de Almendra Freitas

N. 02.09.1921 em Livramento. Deputado estadual pelo Piauí em três legislaturas. Casou-se em 25.05.1946 em Floriano-PI com Maria Lídia Ramos Camargo, professora.

4.3 Matilde Carvalho de Almendra Freitas

N. 1923 em Livramento, f. com meses.

5. José de Almendra Freitas Filho, China Freitas

N. 22.08.1895 em Livramento. Comerciante e Fazendeiro. Casou-se em 05.06.1920 em Caxias-MA com Odith de Kós Negreiros, n. 08.11.1900 em Caxias. Foram pais de José, Carlos César, Aldora e Alda Maria.

5.1 José de Amendra Freitas Neto

N. 17.09.1925 em Livramento. Engenheiro civl. Casou-se em 24.12.1949 em Teresina com Teresinha Saporiti Campelo, n. 01.12.1929.

5.2 Carlos César Negreiros de Almendra Freitas

N. 08.09.1926 em Livramento. Advogado. Promotor público no Piauí. Casou-se em 08.09.1949 em Teresina com a prima afim Helena Lopes Carvalho, n. 30.09.1925 em Tutoia-MA.

5.3 Aldora Negreiros de Almendra Freitas

N. 22.06.1928 em Livramento. Casou-se em 05.06.1945 em Teresina com Paulo Magalhães dos Reis, n. 02.04.1914, f. 01.12.1981 em Curitiba-PR. Advogado.

5.4 Alda Maria de Almendra Freitas

N. 18.03.1931 em Livramento, f. 09.01.2010 em Teresina. Advogada. Funcionária do Tribunal Regional Eleitoral do Piauí. Casou-se em 21.12.1948 em Teresina com o primo Antônio Manoel Gayoso e Almendra Castello Branco, n. 21.12.1922 em Teresina e ali f. 03.05.1983. Comerciante. Deputado estadual por quatro legislaturas no Piauí. Filho de Manoel Castello Branco, Mano, e Lina Leonor Gayoso e Almendra, Linoca. Foram pais de Lina Josefina, Antônio Manoel, Ana Leonor, Alda Maria e Tereza Helena.

5.4.1 Lina Josefina de Almendra Freitas Castello Branco

N. 06.10.1949 em Teresina. Dentista. Casou-se em 15.02.1967 em Teresina com o primo Geraldo de Margela Lages Rebello, n. 20.08.1937 em Esperantina-PI. Médico cirurgião plástico em Teresina. Filho de Gervásio Lopes Rebello e Francisca Pires Lages, primos entre si.

5.4.2 Antônio Manoel Gayoso e Almendra Castello Branco Filho

N. 13.09.1950 em Teresina. Engenheiro agrônomo. Casou-se em 08.07.1978 em Teresina com Izália de Castro Lima.

5.4.3 Ana Leonor de Almendra Freitas Castello Branco

N. 21.03.1953 em Teresina. Logopediatra. Economista. Casou-se em Teresina com Nikolaos Papaioannou.

5.4.4 Alda Maria de Almendra Freitas Castello Branco

N. 18.03.1955 em Teresina. Casou-se em 12.10.1976 em Teresina com Barry James Roberts, n. na Inglaterra.

5.4.5 Tereza Helena de Almendra Freiras Castello Branco

N. 01.12.1957 em Teresina, e ali também f. 13.06.2010. Casou-se em 03.03.1981 em Teresina com Herbert Costa Napoleão do Rego, n. 28.04.1949 em Teresina. Engenheiro. Filho de José Fortes Napoleão do Rego e de Maria de Lourdes Costa.

6. Maria Victoria de Almendra Freitas, Marinheira

N. 19.06.1899 em Livramento, f. em Teresina, Casou com o primo José Cândido de Almendra Gayoso, n. 12.08.1899 em Teresina e ali também f. 16.02.1930. Foram pais de Edgar, Moacyr e Jandyra.

6.1 Edgar Freitas de Almendra Gayoso

N. 21.10.1920 em José de Freitas (antes Livramento), e ali também f. 05.04.1969. Comerciante. Fazendeiro. Casou-se em 14.12.1949 em José de Freitas com a prima Terezinha de Jesus Veras Fortes, n. 14.12.1933 em Teresina. Empresária.

6.2 Moacyr Freitas de Almendra Gayoso

N. 14.11.1931 em Belém-PA. Contador. Funcionário público. Fazendeiro. Casou-se em 14.11.1948 em Altos de João Paiva-PI com Maria José de Souza e Silva.

6.3 Jandyra Freitas e Gayoso

N. 18.06.1928 em Teresina. Funcionária pública. Casou-se em Teresina com Manuel Afonso Sampaio Ferreira, n. 21.08.1927 em Teresina.

7. João de Almeida Freitas

Natimorto em Livramento.

AS "GERAIS" DE PEDRO NAVA

"Essa é minha terra. Também ela me tem e a ela pertence sem possibilidade de alforria. Do seu solo, eu como. Da sua água, bebo. Por ela serei comido. Esta é simplesmente a terra de nascimento, vida, paixão e morte do mineiro."

GENTE QUE "VIROU" LUGAR...

Extraído do livro "Como você se chama?" de Raimundo Magalhães Jr., 1974.

No Brasil está havendo um certo abuso, ou barateamento de denominações tão consagradas, por vezes atribuídas a figuras inteiramente secundárias. Muitas, porém, não podem ser objeto de discussão. No Amazonas, há um município que tem o nome de Benjamin Constant, em homenagem ao companheiro de Deodoro na jornada da proclamação da República.. No Acre, há municípios com os nomes de Rio Branco, Feijó e Sena Madureira. No Pará, um município com o nome de João Coelho, nome que nada me diz. No Piauí, há o de Marechal Floriano. No Ceará, os de Campos Sales, Senador Pompeu, Capistrano (sem de Abreu), Farias Brito e Iracema (em homenagem a Alencar, que sem isso ficaria ausente).

No Rio Grande do Norte, há vários, entre os quais os de Almino Afonso e Augusto Severo. Na Paraíba, há os de João Pessoa, Antenor Navarro e Princesa Isabel, entre outros. Em Pernambuco, os de João Alfredo e Joaquim Nabuco, homenagem a duas grandes figuras da abolição. Em Alagoas, há os de Marechal Deodoro, Marechal Hermes, Delmiro Gouveia e outros. Em Sergipe, os de Simão Dias e Tobias Barreto. Na Bahia, os de Nilo Peçanha, Euclides da Cunha, Miguel Calmon, Castro Alves, Rui Barbosa e Teodoro Sampaio, além de outras figuras menos expressivas. No Espírito Santo, os de Anchieta, Afonso Cláudio, Domingos Martins (em honra do patriota republicano enforcado em Recife por ter chefiado a rebelião de 1817) e outros.

No Estado do Rio de Janeiro, há Petrópolis (em honra de Pedro II), Teresópolis (em honra de D. Teresa Cristina), Duque de Caxias (em honra do soldado que os sustentou no trono contra várias revoluções), Silva Jardim (em honra do propagandista do regime que os destronou e baniu), Miguel Pereira (que proclamou ser o Brasil um vasto hospital) e Casimiro de Abreu.

(Obs. do CBG: deixou de ser citado Nilópolis, em homenagem a Nilo Peçanha).

Em São Paulo, existem municípios com os nomes de José Bonifácio (o patriarca da Independência), Oswaldo Cruz (o saneador do Rio de Janeiro), Bilac (poeta parnasiano e propagandista do civismo), Pedro de Toledo (interventor por ocasião da revolução de 1932), Monteiro Lobato (grande escritor e vanguardista da exploração do nosso petróleo), Júlio de Mesquita (diretor de O Estado de São Paulo), além de muitos outros, como os de Presidente Prudente, Presidente Epitácio, Presidente Bernardes e Presidente Alves, isto é, Rodrigues Alves, ora optando pelos cognomes, ora pelos prenomes, etc. Muitos outros nomes figuram em municípios paulistas, alguns dos quais são inteiramente obscuros fora de São Paulo, e, talvez, até mesmo dentro desse Estado.

No Paraná, há os municípios de Almirante Tamandaré, Assis Chateaubriand (o jornalista e senador da República que era Bandeira de Melo), Joaquim Távora (oficial revolucionário que morreu em combate), Prudentópolis (em homenagem a Prudente de Moraes), Lupionópolis (em homenagem a Moisés Lupion, governador do Paraná, acusado depois de ter devastado as finanças paranaenses), Siqueira Campos, Salgado Filho, Venceslau Brás e vários outros, inclusive um recente Presidente Castelo Branco.

Em Santa Catarina, além de Florianópolis (nome dado à sua antiga capital Desterro, depois da derrota das forças rebeldes que a ocuparam por ocasião da revolta de 1893), existem os de Joinville (em homenagem ao Príncipe de Joinville, marido da princesa D. Francisca, irmã de Pedro II), Blumenau (em honra ao Dr. Hermann Otto Blumenau, um dos imigrantes alemães que ali se fixaram), Anita Garibaldi, Anitápolis (duplicação da homenagem à companheira de Giuseppe Garibaldi), Dionísio Cerqueira (general, veterano da guerra com o Paraguai, que foi ministro das Relações Exteriores), Lauro Müller (general, parlamentar e ministro de estado), Presidente Getúlio, Presidente Nereu – em honra a Nereu Ramos – e outros.

No Rio Grande do Sul, há municípios com os nomes de Bento Gonçalves, Júlio de Castilho, General Canabarro, Barão de Cotegipe, Osório, Garibaldi, Flores da Cunha, Getúlio Vargas, General Câmara, Pinheiro Machado, Dona Francisca (a irmã de Pedro II, que recebeu o dote de terras a colonizar e era conhecida, na França, como Dona Chicá) e vários outros, inclusive um germanizado Frederic Westphalen. Em Minas Gerais, basta citar três: Teófilo Ottoni, Santos Dumont e Governador Valadares. Em Goiás, há os de Pedro Afonso, Leopoldo de Bulhões e Pires do Rio.

GOMES DE SOUSA

Por Anamaria Nunes Vieira Ferreira

Publicação em <http://vieirasdeguimaraes.blogspot.com.br/2010/08/gomes-de-sousa-maranhao.html>

Importante família estabelecida no Maranhão, procedente do Mestre de Campo Antonio Gomes de Sousa, nascido em 1710, em Lordelo, Vila Real, Portugal, filho de Antonio de Sousa, natural do Porto, e de Dona Joanna Gomes, e de Dona Mariana das Neves, filha do Capitão Phillipe Marques da Silva e de Dona Rosa Maria do Espírito Santo.

“Genealogia Maranhense” - John Wilson da Costa

1. **ANTONIO GOMES DE SOUSA.** Mestre de Campo. Nasc.1710, Lordelo, Vila Real, Portugal.Filho de Antonio de Sousa e Joana Gomes. Foi Sargento Mor do Regimento de Milícias do Itapecuru.

Casado, em 22.09.1743, Maranhão, com MARIANA DAS NEVES, bat.30.07.1719, no Maranhão, onde faleceu 27.04.1752. Filha do Capitão Phillipe Marques da Silva e de Rosa Maria do Espírito Santo. Neta paterna de João Francisco da Silva e Mariana das Neves. Neta materna de Antonio da Silva Carvalho e Ignácia da Silva Mello. Bisneta paterna de João Gaspar das Neves. Foram Pais de:

1.1 Antonio Gomes de Sousa Filho. Nasc.1746. Fal.30.10.1764.

1.2 Filipe Marques da Silva. Capitão. Fidalgo Cavaleiro da Casa Real. Nasc.01.09.1748, São Luís do Maranhão e ali fal. 25.01.1801. Proprietário da Fazenda São Filipe, na Ribeira do Itapecuru. Deixou testamento com data de 28 de Abril de 1776. Casado 28.04.1776, São Luís, com a prima Inácia Maria Freire Belfort, batiz. 28.08.1758 Igreja da Sé, Freguesia N.Srª da Vitória (Livro 3, fls. 234), fal. 04.01.1817. São Luís; filha do Cirurgião Mor Joaquim da Serra Freire e de Maria Madalena Belfort, filha mais velha do nobre irlandês Lourenço Belfort e sua 1ª esposa, Isabel de Andrade. Com geração.

1.3 **José Antonio Gomes de Sousa**, que segue;

1.4 Anna Gomes de Sousa. Nasc. c.1756. Fal. 30.10.1774, aos 18 anos.

1.3 **JOSÉ ANTONIO GOMES DE SOUSA.** Mestre de Campo e Fazendeiro. Nasc. 02.10.1750, em São Luis do Maranhão. Fal. 06.12.1805.

“Rico senhor de terras, criador de gado, abastado negociante e coronel de milícias na região do Itapecuru”, que, no final do século XVIII, recebeu da Coroa portuguesa a honra de ser cavaleiro da Ordem de Cristo, com direito a ter o próprio brasão”. COUTINHO, 2005, p.143.

Casado em 1ª núpcias 02.10.1772 Lisboa, com Maria Michaela Cantanhede, viúva de Guilherme Belfort, sem geração. Filha de Manoel de Jesus Cantanhede, nasc. 17.01.1723, fal. 1776 São Luís, em 1776, e de Serafina Moirinha de Santiago, neta de Faustino Mendes Cantanhede e Isabel Joana de Assunção. Foram Pais de:

1.3.1 Antonio José Gomes de Sousa. Nasc. 13.10.1772 e fal. 1798. Casado, em 1798 (?) em Lisboa, com Ana Rita Vieira da Silva, nasc. 01.01.1753, vinte anos mais velha que o noivo, filha de José Vieira da Silva e Anna Maria de Assumpção, Depois de viúva Ana Rita se casou, 1800 São Luís, com o Almirante Felipe de Barros e Vasconcellos. Com geração.

1.3.2 Joaquim Antonio Gomes de Sousa. Alferes. Nasc. c.1775 e fal. 03.09.1803. Em 1799 recebeu carta patente de Tenente. Casado 11.11.1795, no Oratório da Fazenda Santa Ana na Ribeira do Itapecuru, com Lourença Maria Freire, nasc. 24.08.1761 S. Luís do Maranhão, e fal. 26.06.1825, 6ª filha de Maria Madalena e do Cirurgião Mor Joaquim da Serra Freire. Com geração.

Casado em 2ª núpcias 06.10.1776 com LUIZA MARIA DA ENCARNAÇÃO (viúva de João Pires Seabra), nasc. c.1756 e fal. 17.04.1821, em Itapecuru Mirim; filha de José Luís Barbosa e Rosa Helena Garrido. Neta de Pedro Gonçalves Garrido e Maria da Silva. Foram pais de:

1.3.3 **Maria Clara Gomes de Sousa**, que segue;

1.3.4 Ana Rita Gomes de Sousa. Matriarca da Família de Souza Gayoso, nasc.1778, e que, ao enviuar, em 1818 publica, por sua conta, a célebre obra de seu marido: "Compêndio Histórico-Político dos Princípios da Lavoura do Maranhão", dedicando-a ao Rei. Casada 20.06.1795, com o Coronel Raymundo José de Sousa Gayoso. Com geração.

1.3.5 Antonio Feliciano Gomes de Sousa. Capitão. Fal. 13.07.1817. Casado 12.11.1815, com Maria Madalena Henriques, filha do Capitão José Henriques e Apolônia Maria do Sacramento.

1.3.6 Luiza Rita Gomes de Sousa. Fal. 18.06.1851. Casada 25.05.1807 São Luís, com o Capitão Mor Rodrigo Luiz Salgado de Sá e Moscoso, filho do Capitão José Salgado de Sá e Moscoso e Luiza Micaela de Silva, e fal.1835. Com geração.

1.3.7 Joana Gomes de Sousa. Nasc. 26.03.1782.

1.3.8 Ignácio José Gomes de Sousa. Major. Carta de Brasão passada em 14 de Setembro de 1862. Nasc. Freguesia de N.Srª do Rosário de Itapecuru; batiz. 15.08.1789. Fal. 09.08.1869. Vereador e Procurador da Câmara de São Luís, em 1811. Construtor do Solar Gomes de Sousa, na Rua do Sol, em São Luís, atual Museu Histórico e Artístico do Maranhão. Proprietário da Fazenda da Conceição, na Ribeira do Itapecuru. Casado, em 05.07.1818, com Antonia Gertrudes de Brito Magalhães Cunha, nasc. 1811, filha do Dr. Raymundo de Brito Magalhães e Cunha, Deputado às Cortes Portuguesas, e de Dona Maria Gertrudes Carneiro Homem de Souto Maior. Com geração.

1.3.9 Mariana Raymunda das Neves Gomes de Sousa. Nasc. 10.12.1807. Casada com o Sargento Mor Francisco Borja Pereira da Silva Coqueiro, natural do Itapecuru, filho do Sargento-Mor Antonio Pereira da Silva e de Maria Josefa de Macedo.

1.3.3. **MARIA CLARA GOMES DE SOUSA** casada em 13.01.1794 São Luís, com o Brigadeiro LUÍS ANTONIO VIEIRA DA SILVA, Patriarcas da 2ª Geração da Família Vieira da Silva.

Agradecimentos: Guilherme Serra Alves Pereira e Lilian Shalders Ulup

Fontes:

- Árvore dos Costados da Família Gomes de Sousa - Helena Ranken Shalders
- Genealogia Maranhense - John Wilson da Costa
- Anuário Genealógico Brasileiro - Ano III – 1941 - Salvador Moya

Pesquisas:

- Ana Carolina Nunes:
 - Arquivo Nacional
 - Biblioteca Nacional
 - Colégio Brasileiro de Genealogia
 - Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro
- Anamaria Nunes
 - Almanak Laemmert
 - Arquivo Ultramarino
 - Torre do Tombo
 - Wikipedia

FERREIRA NOBRE – apontamentos genealógicos

Por Manoel Ferreira Nobre, memorialista potiguar.
Condensação do publicado no blog <http://oesteneews-geneologia.blogspot.com.br/>

O ten-coronel Vicente Ferreira Nobre era natural da Freguesia de N. Sr^a da Apresentação de Natal/RN, onde nasc. c.1777 e fal. 15.10.1861, aos 84 anos de idade. Filho de Francisco Xavier Barbosa, nasc. c.1752 no RN e fal. 24.12.1795, e Rita Maria de Jesus, nasc. Pernambuco, casados em 01,11,1770 na Freguesia de N. Sr^a da Apresentação. O capitão Vicente Ferreira Nobre destacou-se no episódio do qual decorreu a renúncia do primeiro presidente da província (estado) do Rio Grande do Norte – Thomaz de Araújo Pereira.

Casou c.1797 com Ana Rosa de Azevedo, nasc. provavelmente em 1785 e fal. 1867 com 82 anos de idade, filha de Manoel Antônio de Azevedo, natural de Basto, Arcebispado de Braga, Portugal, e de Francisca Antônia de Melo.

O casal é tronco das famílias Ferreira Nobre e Seabra de Mello, estabelecidas no Estado do Rio Grande do Norte e atualmente desdobradas em outras várias famílias. Foram pais de:

1.1 Juliana Ferreira Nobre, nasc. 18.06.1798, batiz. 29.06.1798, padrinhos o avô materno e a avó paterna. Juliana permaneceu solteira.

1.2 Manoel Ferreira Nobre, batiz. 01.07.1800, padrinhos o avô materno Manoel Antônio de Azevedo e Inácia Maria, solteira. Casou 02.07.1820 na Matriz de Natal/RN com Inácia Joaquina de Almeida, filha de José do Rego Bezerra e de Antônia Úrsula de Melo. Foram pais de:

1.2.1 Manoel Ferreira Nobre, memorialista e escritor, que na casa de residência de Maria de Andrade casou 02.05.1842 com Olímpia Geralda de Andrade, filha natural de Inês Cipriana Geralda de Andrade, sendo celebrante o Pe. Bartolomeu da Rocha Fagundes, e testemunhas Basílio Quaresma Torreão e Antônio José de Moura.

1.2.2 Francisca Ferreira Nobre, que casou 18.08.1837 com João Gomes da Silva, filho de Manoel Gomes da Silva e de Joana Batista Xavier, sendo celebrante o Pe. Simão Judas Tadeu, e testemunhas João José Ribeiro de Aguiar e Antônio de Cerqueira de Carvalho.

1.2.3 Maria Ferreira Nobre, que casou 25.08.1839 com o tio paterno João Ferreira Nobre, filho do capitão Vicente Ferreira Nobre e de Ana Rosa de Azevedo, sendo celebrante o Pe. Alexandre Ferreira Nobre, e testemunhas Joaquim Ferreira Nobre Pelinca e Antônio Rafael Seabra de Melo.

1.3 Vitorino Ferreira Nobre, nasc. 15.10.1802, batiz. 02.11.1802, padrinhos o capitão mor Geraldo Saraiva de Moura, por procuração de Manoel de Torres Frazão, filho de Antônio da Câmara e Silva, e Aguida Maria de Albuquerque, por procuração que apresentou o seu marido.

1.4 Joaquim Ferreira Nobre Pelinca, batiz. 10.08.1805 na Matriz de Natal pelo Pe. Simão Judas Tadeu, padrinhos o capitão Antônio Ferreira e Joana Batista de Azevedo. Joaquim casou contra a vontade do pai, cfe. o assento, em 08.11.1830, com Bernadina Luíza da Conceição, filha de Manoel Joaquim Ribeiro e de Isabel de Barros da Cunha Caminha, sendo celebrante o Pe. Manoel Pinto de Castro, e testemunhas Joaquim Xavier Garcia de Almeida e José Lucas Soares Raposo da Câmara.

1.5 Alexandre Ferreira Nobre, Padre, gêmeo de Alexandrina, batiz. 18.07.1813 na Matriz pelo Pe. João Gomes de Melo, padrinhos os avós maternos Manoel Antônio de Azevedo e Francisca Antônia de Melo. Padre Alexandre deixou enorme descendência, que atualmente se espalha por toda região da Grande Natal.

1.6 Alexandrina Francelina Ferreira Nobre, gêmea de Alexandre, batiz. 18.07.1813 na Matriz pelo padre João Gomes de Melo, padrinhos os irmãos mais velhos Manoel Ferreira Nobre e Juliana Ferreira Nobre.

Casou 08.12.1849 na residência de Alexandre Tomaz Seabra de Melo, com Pedro Paulo Vieira de Melo, filho de Nicolau Joaquim de Miranda e de Bernarda Florência Vieira, sendo celebrante o Pe. José Alexandre Gomes de Melo, e testemunhas José Alexandre Seabra de Melo e Alexandre Tomaz Seabra de Melo. Foram pais de:

1.6.1 Joaquina Vieira de Melo, casada 24.07.1886 com Francisco Carlos Pinheiro da Câmara.

1.7 Maria Ferreira Nobre, batiz. 04.09.1814 pelo padre Simão Judas Tadeu, padrinhos o alferes Antônio Freire de Amorim e a sua mãe Inácia Gomes.

1.8 Rita Ferreira Nobre, batiz. 12.09.1822 na Matriz de Natal pelo padre Feliciano José Dorneles, padrinhos o alferes Luiz Teixeira da Silva e Catarina Duarte Xavier Casou com Joaquim José Costa.

1.9 Ana Ferreira Nobre, batiz.18.02.1824 pelo padre Feliciano José Dornelles, padrinhos Manoel da Silva Pereira e s/mulher. Casou na casa de seu irmão (1.4) Joaquim a 18.07.1842 com Miguel Rufino de Souza Caldas, viúvo de Quitéria Joaquina de Souza, e filho de Antônio José de Souza Caldas e de Josefa Maria de Nazareth. Celebrante: o irmão Pe. Alexandre Ferreira Nobre, testemunhas: Tomaz Cardoso de Almeida e Rafael Arcanjo Galvão.

1.10 João Ferreira Nobre, que casou 25.08.1839 com a sobrinha Maria Ferreira Nobre, filha de Manoel Ferreira Nobre e de Inácia Joaquina de Almeida, sendo celebrante o Pe. Alexandre, irmão do noivo e tio da noiva, e testemunhas Joaquim Ferreira Nobre Pelinca e Antônio Rafael Seabra de Melo.

1.11 Clara Ferreira Nobre, casada 17.08.1833 na Matriz de Natal/RN com Alexandre Tomaz Seabra de Melo, filho do capitão mor José Alexandre Gomes de Melo e de Joana Evangelista Seabra, sendo celebrante o Pe. Manoel Pinto de Castro, e testemunhas José Alexandre Seabra de Melo e Joaquim José Pinto. Com dispensa de consaguinidade no 4º grau.

1.12 Joana Ferreira Nobre, casada 23.05.1839 com Antônio Rafael Seabra de Melo, filho do capitão mor José Alexandre Gomes de Melo e de Joana Evangelista Seabra, sendo celebrante o irmão Pe. Alexandre Ferreira Nobre, e testemunhas Dr. Basílio Quaresma Torreão e o capitão José Alexandre Seabra de Melo.

1.13 Vicente Ferreira Nobre Filho, que casou com Joana Rodrigues Teixeira Varela, natural de Estremoz – RN.

1.14 Antônio Ferreira Nobre, Tenente de Cavalaria

W.W.W.

Acervo digital do “Correio Riograndense” (RS) está disponível para pesquisas

Colaboração de **Leila Ossola**

Graças a uma parceria estabelecida entre o Correio Riograndense, a Câmara de Vereadores de Caxias do Sul-RS, o Arquivo Histórico Municipal de Caxias e o Museu dos Capuchinhos, as edições antigas do jornal, desde a fundação em fevereiro de 1909, quando ainda se chamava La Libertá, estão sendo digitalizadas, facilitando o acesso a leitores e pesquisadores e garantindo a preservação da história. Boa parte do trabalho já foi concluída. Quem tiver interesse no conteúdo publicado pelo Correio Riograndense nestes 107 anos de história pode acessar o link:
<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/portalliquid>.

Jornal do Comércio na Hemeroteca Digital

A Biblioteca Nacional, em janeiro, passou a apresentar na hemeroteca digital o conteúdo completo das edições de 1827 a 1899 do Jornal do Commercio. E ainda mais está por vir.

Vejam em:

<http://www.bn.br/acontece/noticias/2016/01/jornal-commercio-bn-completa-digitalizacao-edicoes-ate>.

No começo de janeiro, a Biblioteca Pública de Nova York liberou o acesso a mais de 180 mil arquivos em seu acervo digital. Entre os documentos, todos em domínio público, estão registros raros do Brasil no século XIX.

A escravidão é um tema recorrente, com fotografias de negros do Brasil colonial no nordeste e no sudeste do país. As imagens são parte do livro “The Negro in the World”, publicado por Sir Harry Johnston (1858-1927) em 1910.

Explorador e colonizador britânico na África, Johnston é citado como fonte de pesquisa por Gilberto Freyre em “Casa Grande e Senzala”.



Escravos em busca de diamantes em rio.
Imagem do livro “O Negro no Novo Mundo”, de
Sir Harry Johnston

Segundo o site da biblioteca, cenas do livro “Imagens da Construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré Amazonas & Mato Grosso, Brasil S.A”, imortalizadas entre 1909 e 1912, evocam “o calor, o perigo e o trabalho penoso, ainda que cercado por uma paisagem de grande beleza e mistério”. Os registros foram doados à instituição em 1939.

Também se destacam as gravuras de antigos uniformes militares brasileiros, parte da coleção de Hendrik Jacobus Vinkhuijzen, que catalogou mais de 30 mil indumentárias de países como Espanha, Finlândia e Bulgária. Há ainda fotografias da família imperial brasileira, e da viagem de Dom Pedro II a Nova York em 1876

REMETENTE



COLÉGIO BRASILEIRO DE GENEALOGIA
www.cbg.org.br

EXPEDIENTE

Boletim Informativo
COLÉGIO BRASILEIRO DE GENEALOGIA

Av. Augusto Severo, 8 - 12º andar - Glória
20021-040 - Rio de Janeiro - RJ
Tel.: (21) 2221-6000

Diretoria: Presidente Regina L. Cascão Viana
Vice-Presidente Carlos Eduardo de Almeida Barata
1º Secretária Patrícia de Lima Bocaiúva
2º Secretária Eliane Brandão de Carvalho
1º Tesoureiro Antonio Cesar Xavier
2º Tesoureiro Guilherme Serra Alves Pereira
Dir. Publicações Leila Ossola
Auxiliares Cinara Maria Bastos Jorge
Clotilde Santa Cruz Tavares
Eliana Quintella de Linhares
Gilson Flaeschen
Laura de Saint-Brisson Ferrari

Conselho Fiscal: Attila Augusto Cruz Machado
Hugo Forain Junior
Victorino C. Chermont de Miranda

Dias e horários de funcionamento:

2ª-feira de 13 às 17 horas / 3ª-feira de 14 às 17 horas

Página: www.cbg.org.br

Email: cbg@cbg.org.br

Diagramação: Escale Serviços de Informática

Impressão: Letras e Versos

DESTINATÁRIO

IMPRESSO